

Espinosa na pandemia: os afetos e o poder da alma sobre as paixões

Débora de Paula Cortezzi Costa¹

Resumo: O texto que se segue pretende explicar a teoria dos afetos em Espinosa como uma saída para refletirmos a situação atual do Coronavírus SARS-cov-2. Também nos aproximaremos das reflexões do papa Francisco. Tentaremos elaborar o texto relacionando os sentimentos comuns gerados pelo impacto da crise, o pensamento de Espinosa e a sua noção de ética e a proposta de enfrentamento do papa.

Palavras-chave: Espinosa. Afetos. Papa Francisco. Coronavírus. Ética

INTRODUÇÃO

A atual crise causada pelo COVID-19 impôs à nossa realidade o “novo normal” (conforme denominação da mídia do mundo inteiro) disseminando os mais variados sentimentos como medo, angústia, ansiedade, tristeza e dor, exigindo de cada indivíduo a proteção e o cuidado consigo e com o outro, obrigando-nos a refletir e a repensar os nossos valores e princípios, as estruturas sociais, políticas e econômicas e, principalmente, a desigualdade social que assola o nosso tempo. É a partir dessa mistura de morte, pobreza, descaso de algumas autoridades, sensacionalismo dos meios de comunicação, cansaço e exposição de quem está na linha de frente, que o papa Francisco faz o seu chamado para um sentimento de fraternidade e esperança ativa e perseverante. O mundo, segundo Francisco, espera de nós uma atitude amorosa e solidária, enquanto a ciência busca a profilaxia e a fabricação da vacina. Nas palavras de Francisco “se há algo que aprendemos neste tempo é que ninguém se salva sozinho”.

Se o estudo e à reflexão da teoria dos afetos em Espinosa sempre teve sua relevância e consideração no universo filosófico, no cenário atual nos parece necessário. Como podemos associar as reflexões do papa à filosofia de Espinosa, sobretudo no que toca aos sentimentos?

De acordo com o filósofo moderno, é chamado de afecção, tudo aquilo que nos afeta. Afetamos e somos afetados por outros corpos o tempo todo. Os sentimentos são gerados pelos afetos, pela maneira como somos afetados. Espinosa diz que os afetos são naturais a nós humanos e é exatamente por isso que as paixões e ações humanas podem ser conhecidas. O filósofo demonstra como o conhecimento da natureza das paixões é possível e se dá por leis universais que admitem certas causas. Segundo o pensador, a afetividade é a matéria-prima das relações e em virtude dela podemos romper com o domínio de forças externas a nós, nos

1 Mestranda em filosofia pela FAJE

libertar da servidão e nos conservar na existência. O domínio da alma sobre as paixões acontece quando ideias perfeitas são formadas a partir da nossa força de não nos submetermos às paixões negativas ou más. Uma vez estabelecido este domínio, a alma se alimenta de uma alegria tão poderosa que é capaz de extrair de nós o que temos de melhor, capaz do encontro ao amor, à generosidade e à melhor conduta. A alma é capaz de ordenar e concatenar as afecções do corpo e interpretá-las superando a passividade, agindo ativamente. (ESPINOSA, 1991, p. 14-15)

No que se refere a nossa humanidade, o pouco que sabemos é que possuímos uma natureza, um legado genético, somos estrutura corpórea, que sente e reage de inúmeras formas, mas também somos seres de alma, capazes de refletir, criar, transformar, inferir, solucionar e sugerir problemas, somos seres espirituais que interpela a realidade, busca sentido e entendimento de quem somos. Também somos seres sociais, vivemos em comunidade, o que nos desafia constantemente, ou seja, o mundo sempre nos desafiou. E num mundo pandêmico o desafio é maior, nele há uma necessidade de mudanças drásticas, como o isolamento social, as dificuldades e a fragilidade de alguns de nós, demanda a conscientização para uma postura mais altruísta. A alteridade é uma urgência, tanto no sentido hegeliano, aqui referimo-nos ao processo de transformação, quanto no sentido platônico, de que as ideias e o diálogo podem delinear o caminho daqui para frente, a partir das experiências da pandemia. Daí a relevância de se refletir sobre as palavras do Papa, de unir conhecimentos a fim de que nos possibilite sairmos dessa crise com um aprendizado e uma oportunidade de olharmos com mais sensibilidade e comprometimento para os problemas e questões do nosso tempo, em todos os campos que estruturam as nossas sociedades.

1 A CIVILIZAÇÃO DO AMOR

O Papa Francisco no seu texto “*Um plano para ressuscitar*” compara o tempo de dor e incertezas em que estamos vivendo, com o mesmo sentimento vivido por aqueles que seguiram Jesus, como mestre, e viram a sua morte violenta. O sentimento das primeiras discípulas que se dirigiram ao túmulo de Jesus era o luto que levava consigo a esperança que o profeta brotou, assim como o luto vivido por milhares de família desalenta, entorpece e desestrutura aqueles que ficam. As notícias e os números de mortes chegam aos nossos lares nos amedrontando e paralisando. O papa diz que o que estamos vivendo é o peso da pedra do túmulo, onde cita uma passagem “Quem rolará a pedra da entrada do túmulo para nós?” (Mc 16,3). Por isso ele nos convoca a velar as nossas ações e espelhar naquelas que nos fornecem alegria e esperança. Assim ele aconselha “Esperemos que nos encontre com os anticorpos necessários da justiça, da caridade e da solidariedade... Não tenhamos medo de viver a alternativa da civilização do amor”. O convite do papa é para encararmos o medo e a tristeza sem passividade, é não deixar o cansaço fazer morada. A civilização do amor proposta por ele se constrói no cotidiano, através do trabalho e compromisso que deve ser de todos e que não pode cessar.

Já na “*Fratelli Tutti*” a preocupação do papa está voltada para a noção do sentimento de fazermos parte de uma única humanidade. O apelo é por paz, justiça e fraternidade, para toda humanidade, para os “crentes de várias religiões”. Há, portanto, um alerta de que somos parte de um sistema que é a “globalização da indiferença”, e que ao mesmo tempo em que proclamamos a inalienável dignidade da pessoa humana, o nosso entendimento de que somos iguais e pertencemos a mesma humanidade tem enfraquecido. A crise pandêmica demonstra o papa na sua autoridade, é uma chance para repensarmos o mundo que construímos e ter esperança naquele que ainda é possível edificar, passando pela mudança de mentalidade e pelo sentimento de amor uns pelos outros, ou como muito bem disse: “lembrar aos homens de uma vez por todas que a humanidade é uma única comunidade”.

2 O CORPO E A ALMA PARA ESPINOSA

Espinosa não compreende corpo e alma como substâncias e sim como modificações ou expressões próprias da atividade imanente da única substância que existe: a realidade ou Deus. O ser humano é uma unidade de um corpo e de uma alma, de comunicação imediata com distinção e não separação, ou seja, elas agem conjuntamente, porém, de maneira diferente. Somos para o filósofo expressão finitas de Deus “cujos atributos se exprimem diferencialmente numa atividade comum a ambos” (CHAUÍ, 2005, p.53). O livro I da *Ética* trata da essência de Deus como identidade relativa a existência e a potência. Deus como única substância causa a si mesmo, existe em si e por si, concebe-se da mesma forma, tem e se expressa por seus infinitos atributos. Desses atributos conhecemos dois: extensão e pensamento. O corpo corresponde ao modo da extensão e a alma ao modo do pensamento. A natureza humana tem de maneira finita a mesma estrutura da substância infinita. O corpo é uma máquina de repouso e movimento constituído por corpos menores também de movimento e repouso. (cf. ESPINOSA, 1991, p. 16)

Na sua concepção de corpo e alma o pensador elabora uma crítica a outras ideias construídas, como a visão de Platão que atribui a alma o protagonismo e a compreende como piloto do corpo, como o aristotelismo e sua ideia do corpo como órgão da alma, submetendo ao corpo a condição de instrumento da alma, ou por fim, a ideia de união substancial cartesiana. Ele inova ao afirmar que corpo e alma estão determinados pelas mesmas leis, de princípios iguais e expressões distintas. A supremacia da alma sobre o corpo é rompida por Espinosa, possibilitando outro olhar e rompendo com a concepção tradicional. Assim como ele estabelece esta ruptura, ele também nega que a alma tenha faculdades. Se a alma não tem faculdades, o que seria então a alma para Espinosa? A alma (*mens* conforme nomenclatura do próprio filósofo) é uma força, uma força que pensa e que afirma e rejeita as ideias de acordo com o nosso desejo que se manifesta pelo querer e pela vontade, que para o filósofo são sinônimos. Somos um intelecto porque pensamos e não porque temos uma faculdade racional. A alma se realiza de três formas: pela imaginação, querer e reflexão. Enfim, a alma é uma atividade pensante e Deus uma coisa pensante (cf. CHAUÍ, 2005, p.54).

Tudo o que acontece no objeto da ideia que constitui a alma humana deve ser percebido pela alma humana; por outras palavras; a ideia dessa coisa existirá necessariamente na alma; isto é; se o objeto da ideia que constitui a alma humana é um corpo, nada poderá acontecer nesse corpo que não seja percebido pela alma. (ESPINOSA, 1991, p. 143)

2.1 RELAÇÃO CORPO-ALMA E A VIRTUDE DO PENSAMENTO

“A alma e o corpo exprimem no seu modo próprio o mesmo evento” (ESPINOSA, 1991, p. 17) diz Espinosa. Assim a sua filosofia desconsidera a ideia do corpo como uma estrutura mecanicista de modelo cartesiano, onde o que impera sobre o corpo são causalidades externas, para pensar o indivíduo como uma estrutura inteligível de causalidade interna. Ao propor uma nova concepção sobre o ser humano, o pensador propõe também desconsiderarmos qualquer entendimento por analogia e nos convoca a busca da gênese do objeto, imprescindível para a validade da sua teoria dos Afetos. Para irmos de encontro à causa, é importante que o intelecto conheça a si mesmo sabendo diferenciar conhecimento verdadeiro da imaginação. A imagem, nada mais é do que o reflexo de causas externas a nós, detectadas pelos nossos sentidos e cérebro, indicando o que se passa em nós e não a verdade sobre o objeto que nos afeta. A verdade, segundo o pensador, trata-se da ideia que é um ato do intelecto, que tem recursos para conhecer a causa e as relações entre esta e outras ideias. Portanto, a imagem corresponde ao efeito da ação externa sobre o corpo, uma vez que a ideia é a ação interna da nossa inteligência. Por ser uma ideia de algo que nos afetou externamente, Espinosa a considera uma ideia inadequada, ela é verdadeira enquanto imagem, mas falsa enquanto ideia. A ideia adequada corresponde a uma certeza intelectual que nos permite saber que sabemos. (cf. ESPINOSA, 1991, p. 18)

Se pensar é negar ou afirmar alguma coisa, é também ter e ser consciência de algo. A alma se liga internamente a seu objeto porque cabe a ela pensa-lo, acolhê-lo, portanto, a alma nada mais é do que ideia do corpo. Espinosa conclui que se o objeto da ideia que faz parte da alma humana é um corpo, tudo que este corpo sofrer ou perceber, a alma simultaneamente irá sofrer e perceber. A alma consegue perceber o que afeta o corpo como também as ideias dessas afecções. Ela é ideia das afecções corporais. O corpo é o objeto da ideia que constitui a alma e a ordem e a conexão das causas no corpo é a mesma no que se refere as ideias na alma. Conclui-se que as ideias e as causas têm a mesma origem e são submetidas às mesmas leis, apesar das diferentes esferas da realidade da qual participam. “A ligação entre alma e corpo não é algo que acontece a ambos, mas é o que ambos são quando são corpo e alma humanos.” (CHAUÍ, 2005, p. 56)

Espinosa distingue a diferença entre imagem e ideia, assim como distingue o funcionamento do corpo e da alma. A imagem nasce das afecções corporais que são fugazes, temporárias e voláteis, não oferecendo duração, são instantes fragmentados da vida corpórea.

A princípio, a alma por sua consciência do corpo, através das imagens por ele percebidas, não possui um conhecimento adequado ou verdadeiro, somente o pensa conforme imagens exteriores a ele que são sentidas pela experiência entre os corpos, que se afetam mutuamente. A imagem se resume na experiência corporal, e em um conhecimento desprovido de causa ou de sua razão.

O problema consiste na alma deixar a iniciativa do conhecimento para o corpo, já que este só é capaz de imaginar, a sua natureza não é o pensar. O acesso a verdade ocorre quando a alma faz jus a sua própria natureza, que é o ato de pensar. Espinosa ignora a ideia da tradição intelectual de que a iniciativa às ideias se dá pelo afastamento da alma do corpo, e demonstra que muito contrariamente à tradição, é através do aprofundamento da relação corpo-alma que a alma realiza o que lhe é inerente, o pensamento (cf. CHAUI, 2005, p.58).

2.2 OCONATUS E A FORÇA DAS AFECÇÕES

Na parte IV da Ética, Espinosa inicia seu raciocínio se referindo a servidão humana como a nossa impotência para refrear as afecções. Ele considera que o homem dominado pelas coisas externas não é dono de si. No entanto, isso não significa que na filosofia espinoziana, as afecções ou os sentimentos são maus, são na verdade bons ou maus conforme a maneira como nos relacionamos com eles. O bem e o mal determinado pelos homens, tal como o perfeito e o imperfeito, são modos de pensar a partir de comparações das coisas. O bem é considerado aquilo que nos aproxima cada vez mais do nosso modelo de natureza humana. Já o mal é aquilo que nos distancia e nos impede de exercermos o modelo da nossa natureza. Perfeita é a realidade, a essência das coisas, e tudo quanto nos faz preservar na existência.

Há um interesse do corpo e da alma na autoconservação, na existência. Espinosa chama de potência que obedece à lei natural. Essa potência todos os seres a possuem devido a atividade dos atributos substanciais infinitos que se relacionam com as afecções que impactam o corpo e com as ideias dessas afecções, função da alma. A ela Espinosa dá o nome de *conatus*. Os seres existentes, tais como o ser humano, são dotados de *conatus*, contudo, somente o ser humano é consciente de sua potência interna. Ele, o *conatus*, é a essência atual, que permite ao ser humano a condição de ser *conatus*, ao invés de possuí-lo. É uma positividade e afirmação interna para a vida (a morte é exterioridade), é força interna e pensante. No corpo é chamado de apetite e na alma de desejo, traduzindo a essência humana em desejo. E se somos apetite corporal e desejo psíquico, inferimos que as afecções do corpo são afetos da alma. Enquanto no corpo as afecções se apresentam como imagens, os afetos se realizam como ideias, sendo a afetividade a relação originária da alma e do corpo e a principal matéria-prima para o conhecimento.

Isso significa, antes de mais nada, que atuamos passivamente enquanto somos causas eficientes parciais (na paixão) do que se passa em nós, e somos ativos ou atuamos ativamente (na ação) quando somos

a causa total do que se passa em nós. Somos causa inadequada de nossos afetos quando são causados em nós pelo poder de causas externas; somos causa adequada de nossos afetos quando são causados em nós por nossa própria potência interna. Ser causa adequada é ser passivo e passional. Ser causa adequada é ser ativo e livre (CHAUÍ, 2005, p.59).

Somos definidos pela intensidade do nosso *conatus*, ou seja, da força para existir, a sua variação se conecta com a qualidade dos nossos desejos e apetites, da maneira como nos relacionamos com forças exteriores, que sempre estão em maior número e com uma poderosa ação sobre nós. A cada desejo realizado a nossa força para existir e pensar aumenta, nos contaminando de alegria. Já a frustração, não fica difícil compreender, ela diminui nossa força na existência.

E o que são as paixões para Espinosa, se ele não as considera vícios? Na imaginação, exercida pelo corpo, as afecções e os afetos são paixões, elas compõem a parte finita da Natureza que possui outras partes mais numerosas e mais poderosas do que nós, por isso a importância da força pensante da alma. Se esta não se manifesta de forma adequada estaremos em situação de passividade natural, que se alicerçam em três causas: a natureza dos apetites e desejos de objetos que os satisfaçam, a força das causas externas maior do que a nossa e a imaginação que nos conduz cegamente ao mundo, buscando prazer no consumo das imagens. Daí a paixão ser causa inadequada e a necessidade do domínio da alma sobre as paixões.

O *conatus* é o caminho para a vida ética, ele é a virtude no sentido etimológico da palavra, *virtus*, *vir*, que designa força. No corpo se apresenta no poder de afetar e ser afetado de inúmeros modos, se alimentando e se revitalizando. Na alma é o pensamento, a força interior própria para interpretar as imagens de seu corpo e dos outros corpos, única causa das ideias. Conforme a capacidade de interpretação das imagens podemos passar da situação de causa inadequada à causa adequada.

A condição de servo é a de se deixar dominar pelas paixões, e não pelos afetos, é existir, desejar e pensar a partir de imagens que vem de fora. A servidão significa o enfraquecimento do *conatus* que torna o indivíduo passivo-passional, procurando encontrar satisfação fora de si, no que existe imaginariamente, colocando-o em contradição, confundindo exterior com interior, sendo vazio que nunca preenche.

A vida ética inicia nas paixões, à medida que fortalecemos as mais fortes e enfraquecemos as mais fracas. Temos o exemplo da alegria como uma paixão forte e a tristeza como uma paixão fraca. Fraco e o forte estão relacionados com a qualidade do *conatus*, da potência de ser e agir. A ética corresponde ao aumento do *conatus* quando fazemos a passagem da fraqueza à força, do afastamento das paixões tristes e aproximação das paixões alegres, separando a potência imaginária do corpo e a potência pensante da alma que conhece as causas das imagens e das ideias e a conexão que existe entre essência do corpo e da alma e o todo que é

a Natureza. As nossas ações e as nossas ideias estão em total acordo com os afetos. (CHAUÍ, 2005, p. 64-65)

O conhecimento é a essência da alma que ao conhecer se torna virtuosa. A alma é o “poder reflexivo que alcança pelo pensamento o sentido de si mesma, de seu corpo, do mundo e da natureza inteira” (CHAUÍ, 2005, p. 66). Sendo isso a felicidade, ela se faz plena quando participamos da atividade divina, quando nos eternizamos na identidade do existir, ser e agir, quando amamos uns aos outros e todos os demais seres da Natureza. O amor é a principal fonte do aumento da nossa potência, para viver em ato e livres de corpo e alma, compreendendo que ao agir e existir em comunidade, nossa força aumenta, é um bem capaz de atingir e comunicar-se a todos. “A alegria (*laetitia*) é a passagem do homem de uma perfeição menor para uma maior” (ESPINOSA, 1991, p. 212) e o conhecimento do bem é a afecção da alegria quando temos consciência dela, sendo o desejo que nasce da alegria mais forte e poderoso do que o desejo que nasce da tristeza. O desejo que nasce da razão segue o bem e evita o mal. Espinosa afirma lindamente: “no entanto, não é pelas armas, mas pelo amor e pela generosidade que se vencem as almas” (ESPINOSA, 1991, p. 269).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o papa nos convoca à civilização do amor, à coragem de abandonarmos modos mais cômodos de existência e nos adentrarmos em nossa responsabilidade global, é porque acredita que a força humana para o bem comum, para a fraternidade e solidariedade é algo que deva ser estimulado. Viver assolado por um inimigo invisível que depende da ação de cada um de nós para que mais vidas não sejam ceifadas é uma prova de que mesmo imersos em um sistema que propaga o individualismo, a vida depende inteiramente da coletividade e da interdependência que temos uns dos outros.

O mundo capitalista e neoliberal possui recursos para investimentos em vacinas, medicamentos, equipamentos de segurança e construção de hospitais de campanha. Entretanto, sabemos que o acesso aos recursos, em sua maioria, são desiguais. Estamos num planeta que pede socorro, não só pelo seu ecossistema comprometido, mas, sobretudo, pelos nossos semelhantes distantes da dignidade necessária à vida humana. O coronavírus é só mais um dos problemas que estamos a enfrentar, aliás, ele fez aparecer alguns dos quais não queríamos dar atenção, como o cuidado com os mais vulneráveis. A crise causada por ele tem sido de proporções gigantescas, comprometendo economias, apontando fragilidades políticas, acirrando disputas e favorecendo os países mais ricos.

Por isso é tão considerável a reflexão em torno de nossas ações, em torno de como estamos sendo afetados com as mudanças. Os sentimentos como o medo e o desespero fazem parte do nosso dia a dia. Vemos covas abertas em números surreais, famílias em sofrimento, a morte sem direito a despedida. Como reagir a tudo isso? Espinosa se estivesse aqui concordaria com o papa Francisco. É pelo diálogo e troca de ideias, pela intenção e vontade de

unir forças e vencer os obstáculos, mesmo quando estes são grandes demais. Precisamos de muita gente com energia para pensar e agir, precisamos compreender os sentimentos gerados e através deles elaborar planos de ação. A comoção é um sentimento precioso que nos leva a outro sentimento ainda maior: o sentimento de fraternidade. O mundo precisa de ações cheias de esperança e racionalidade, amorosas e generosas. Amor e generosidade exigem boas ideias, busca de soluções, organização da sociedade civil, comprometimento governamental, pesquisa e investimento.

As ideias de Espinosa nos fazem pensar que é possível vencer a dor com solidariedade e amor, com a alegria no estender a mão, no questionamento das autoridades, na união fazedora da força, no apoio aos que trabalham duro para vencermos esta crise e as famílias que mais sofrem seja pela perda de seus entes queridos, seja pela necessidade financeira causada pelo isolamento social, seja pela desigualdade social que determina quem morre e quem vive. Podemos e devemos substituir uma paixão mais fraca por uma mais forte, no sentido espinosano e construir uma esperança ativa e perseverante proposta pelo papa Francisco.

REFERÊNCIAS

PAPA FRANCISCO. *Encíclica Fratelli Tutti*. Disponível em <https://vaticanonews/pt/papa/News/2020-10/a-nova-enciclica-social-fratelli-tutti-html>

CHAUÍ, Marilena. *Espinosa uma filosofia da liberdade*. Ed. Moderna, São Paulo, 2005.

ESPINOSA, Baruch. *Pensamentos metafísicos, Tratado da correção do intelecto, Ética*. Coleção os Pensadores. Nova Cultural, São Paulo, 1991.